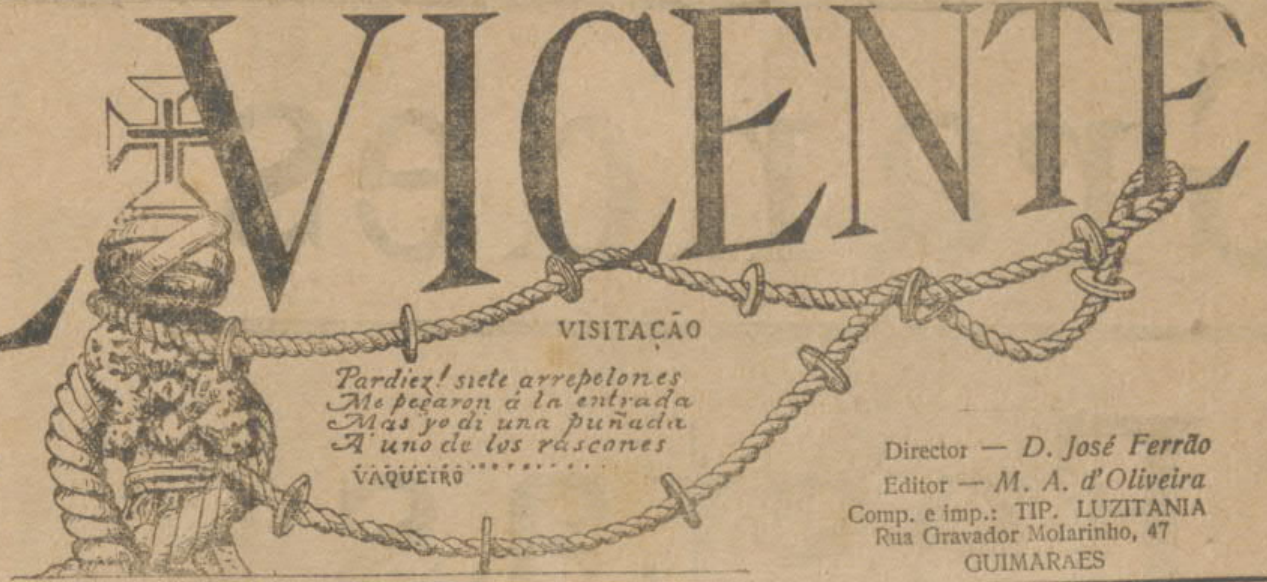




Semanario monarchico-Integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: Aven. do Comercio, 104



*Pardiez! siete arrepolones
Me pegaron a la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones
VAQUEIRO*

Director — **D. José Ferrão**
Editor — **M. A. d'Oliveira**
Comp. e imp.: TIP. LUZITANIA
Rua Gravador Molarinho, 47
GUIMARAES

Os Parlamentos e o Cacete



Trindades

Desde a infancia do mundo e dos sistemas, desde que alguns homens se juntaram para decidir de liberdades e direitos individuais — sempre as grandes reuniões populares se transformaram em assembleias geraes de pancadaria.

Nunca os homens confiaram nos proprios braços: a bengala de bambú ou de Malaca que o homem civilizado usa como adorno em sociedade, é um vestigio, quasi esquecido, da indispensavel arma defensiva ou ofensiva de que nenhum cidadão se privava nos comicios romanos. E é de notar esta frequente afinidade entre os parlamentos e os cacetes.

Nos mais ruidosos tempos de Roma, que são tambem os mais interessantes e os mais classicamente democraticos, a cacetada referveu, bravia e raivosa, ás portas zaragateiras do «Forum». Lá dentro, Vatinio esbugalhava, os olhos, congestionava as cordoveias do cachaço robusto, empinava o peito e fendia marmores a golpes de murro; a sua voz ribombava, alteava-se, esmigalhava adversarios e conspurcava reputações. Catilina remordia o seu despeito, o seu odio ao valdivinismo triunfante; clamava contra as oligarquias que o escorraçavam, contra a plutocracia financeira que ia aposar-se dos destinos de Roma, e fasia-se o caudilho de uma grande revolução de miseraveis, e paladino da canalha esfarrapada, invejosa e perversa, o chefe de um grande movimento diabolico e sanguinolento que tudo arrasasse e tudo destruísse. Cá fóra — desmoralizados ou abolidos pela razão d'Estado ou pela concorrencia esclavagista os antigos collegios profissionais — o povo romano altercava sobre os debates do Senado, juntava-se nas praças aclamando os seus eleitos, os seus protectores, os seus marechaes, descia as ruas em gritos de triunfo, protestava e berrava pelos assuntos minimos, e pelas mais insignificantes razões corria em tropel ao «Forum» e punha a cidade em alvorço com motins.

Cicero, o fino e cultissimo Cicero, erudito e velhaco, nos seus comentarios á vida romana desse agonisar da democracia, mostra-nos como as multidões se dividiam em bandos, como esses bandos se ameaçavam e insultavam, como a politica desencadeava rixas violentas, ferozes mortais. Nas imediações do «Forum» durante as tempestuosas reuniões do Senado, os grupos de caceteiros rondavam, espionavam, altercavam e renhiam até se envolverem todos em sangrenta desordem. Por vezes a astucia e a tatica supriam o numero. O povo adorava os boémios, os libertinos, os jovens audaciosos que se impunham pelo vicio e pela dissipação; mas os triunfos oratorios dos atrevidos sem gran-

de prestigio não tinham a apeteçida retumbancia sem que uma oportuna serrabulhada se fizesse que desse brado e renome.

Então os «clientes», os sicarios, os eleitores que se vendiam para a vida e para a morte na grande feira de votos do Campo de Marte, os proprios escravos, toda a malta assoldada e presa pelo parentesco ou pelo interesse á fortuna do candidato e caudilho, se juntava e formava nos melhores pontos estrategicos da urbe romana. Um grupo irrompia como um tufão por entre os grupos comentadores; a uma provocação seguia-se um insulto, a um insulto uma cacetada, e logo milhares de cacetes se erguiam em meio de uma vosearia infernal. Florestas de cacetes acudiam em socorro; generalisava-se o tumulto; estendia-se a batalha ás mais infimas ruas da Suburra, aos becos tortuosos do Aventino, até aos bairros aristocraticos, até aos passeios preciosos da Via Appia.

As cabeças quebradas eram sem conta. Os sicarios escorchados á ponta de chuço apodreciam ao calor e ás móscaes. Ateavam-se incendios, cercavam-se e saqueavam-se as casas dos adversarios. Mas no dia immediato havia um novo caudilho triunfante e mais prodigo, e tudo serenava para recommear dias depois com mais ferocidade e mais violencia. «O Tibre — comenta o culto e sinuoso Cicero — corria cheio de cadaveres de cidadãos, e era necessario limpar com esponjas o sangue que alagava o «Forum». A vasta galeria dos seus deuses — um para cada appetite e para cada vicio — os romanos poderiam juntar um outro: o cacete, divinizando o atributo indispensavel com que derriam as suas memoraveis pugnas politicas...

A historia é avára em pormenores sobre a vida social da Idade-Media e da chamada Renascença. Mas da estreita afinidade que desde todo o sempre traz ligados o cacete e o regimen parlamentar democratico, somos forçados pela boa logica a concluir que durante longos séculos existiu no velho mundo um grande hibernamento caceteiral. Nas marchas dolorosas dos «Jacques» famintos e iluminados de fé, se o cacete nos aparece é apenas encabando as foices recurvas dos servos da gleba e as grandes facas dos vagabundos transviados.

São raros os tumultos; as pugnas politicas resolvem-se a punhal; as poucas vezes que protestam abafam-se com veneno. O mundo evoluciona entre a canção de «gesta» e o cantico do traba-

lho. Sem motins, sem parlamentos, sem cacetadas, consolida-se a Reconquista, descobrem-se todas as terras, navegam-se todos os mares, inventa-se, constroi-se, estuda-se salva-se do entulho secular o velho direito romano, e, só com a restauração classica da mentalidade democratica, ressurgem as discussões, os partidos, as rixas politicas e religiosas. Regra universal das sociedades cristãs, foi a Igreja que primeiro experimentou os ruinosos efeitos da discussão democratica. A Reforma dá origem a violentos tumultos em toda a Europa; de simples disturbio, a desordem, grassando nos espiritos, arrasta durante dezenas de anos as nações a uma guerra desgraçada calamitosa, desmoralisadora. O germen da discussão, mau grado as profilaticas medidas dos povos occidentaes, triunfou no norte e no oriente, alastrou, cristalisou, em filosofias e em compendios politicos, e mal se fiseram treguas na Europa e caíram no esquecimento as lutas seculares entre as varias seitas religiosas, o antigo espirito zaragateiro da Roma democratica começou a contaminar o velho e o novo mundo.

Acreditemos piamente que já os esbirros do santo officio, e os arrieiros da nobreza decadente, e até mesmo os frades brigões desse curioso seculo desoito, usaram e abusaram da popularissima e nodosa moca. Demos de barato que os cacetes rachassem, pela calada das noites escuras em vielas de perigoso passo, as cabeças esquentadas dos beberrões, dos jogadores, dos gulosos do amor ou dos seus parasitas. Mas não se ouve o bater dos paus nem o fragor dos insultos nas reuniões politicas. Triunfa a politica cesarista; e o absolutismo, que na decadencia da republica abafára o tumultoso cachoar das opinões e dos ódios, vem agora desencadear um temporal medonho de motins, de revoluções, de anarquia, com o respectivo molho de sangue e o corolário fatal de terrorismo e de tirania. Só com o advento das ideias democraticas, propagadas pela revolução francesa e com o imperio que se lhe seguiu a toda a Europa convulsionada, é que o cacete volta definitivamente a entrar como argumento conveniente e proveitoso nos costumes publicos e politicos. A moca readquire o seu prestigio multi-milenario.

As frequentes e rumorosas assembleias populares, as reuniões dos clubes, as sessões da Convenção, acabam sempre numa indescriptivel balburdia, e quando já as voses não conseguem fazer-se ouvir, os paus agitam-se nos ares e caem pesadamente sobre as cabeças mais renitentes á doutrina do mais forte. Apenas uma instituição alastra e domina em silencio e em segredo: a Maçonaria afasta

D'olhos postos na sombra duma cruz
Ergo, trêmula, as mãos para rezar...
Trindades! Orações cheias de luz,
Vultos tristes de noivas a chorar...

A tarde que se esvai lembra Jesus,
Humanissimo Pai a soluçar...
Trindades! Orações cheias de luz,
Espectros dos que morrem a sonhar...

Saúdosa a noite escura me desponta
E eu fico-me a rezar conta por conta
O terço pequenino que me deste...

Trindades! Queixas minhas infinitas!
Lembranças que á minh'alma são benditas,
Sentidas orações que me disseste...

Junho, 1924.

MARIA CANDIDA D'AZEVEDO PINTO

os obstaculos ou faz calar as voses que a encomodam a punhal e a veneno. A sociedade democratica sa-se; generalisam-se os direitos politicos; todos os povos adquirem pela transigencia ou pela revolução um estatuto democratico; ha radicalismo e progresso em todos os cerebros e ha cacetes em todas as mãos.

Roma, os seus comicios os seus tumultos, as suas sangueiras, as suas clientelas — reviviam na alvorada revolucionaria e liberalista do século XIX!

*

* *

Tributario dos outros povos na cultura e na civilização, não poderia escapar-se Portugal á fatalidade democratica; o nosso pais foi envolvido tambem, pelo rebolear vertiginoso do progresso, no grande ciclo caceteiral. A revolução de 1820 pode considerar-se, assim, o inicio tumultuoso do regimen do parlamento e do pau. Alguns anos se passam de iniciação e de aprendizagem. E quando o conflito dinastico estalou temeroso e odiento, já uma nuvem de cacetes pairava sobre as cabeças ócas dos imprudentes pedreiros-livres. Breve a cacetada referveu, medonha e rancorosa; legitimistas e liberaes desancavam-se com a mesma fraternidade com que se acometiam os pretendentes desavindos a um trono sem concerto. Ora de baixo, ora de cima, as duas facções recorriam de igual modo á rija bordoadá; os valados de marmeleiros ao longo das estradas e caminhos sofreram um desbaste que era quasi uma razia. Assim os tempos decorreram até ao completo triunfo

do liberalismo. Pela fatalidade ou pela pressão alheia, os miguelistas guerrilheiros penduraram a clavina inutil ao canto fumarento da velha chaminé.

Velhas dividas de intolerancia eram saldadas agora num traiçoeiro ajuste de contas: o jacobino vencedor alternava com o trabuco vingador o uso imoderado do marmeleiro sobre as cabeças e lombos do vencido derreado. A barafunda cabralista, a revolução e os pronunciamentos que se lhe seguiram, ergueram novamente o rijo cacete á maior glória e ao máximo prestigio. Cada grande influente politico, se não tinha uma guerrilha de facinoras, dispunha, pelo menos de um grupo bem adestrado de caceteiros. A «Maria da Fonte» é uma insurreição de lodões minhotos. O cacete triunfa, escora os principios, radica as convicções. O homem é inseparavel do cacete, formam os dois uma só alma, confundem-se, e parece que uma vontade mais forte liga o homem e o pau em uma unica vontade. Tudo cança, porém. Uma grande calma entra nos costumes politicos com a paz pôdre do rotativismo. Cansados da discussão, os sicarios dormem, e só acordam em dias de eleições renhidas com a cabeça aberta pelos caceteiros do sufragio. Até que por fim, com o advento da Republica, a democracia pura se instala definitivamente em Portugal. Recomeçam os motins, as revoltas, as sarabulhadas traçoeriras do cacete, acrecidas agora da metralha das bombas e do recurso das pistolas. Com o regime parlamentar restaurado em toda a sua pureza tumultuosa, a livre-discussão é, como sempre, privilegio dos vencedores. Nascidos e criados em ple-

Grandes

Festas

2, 3 e 4-AGOSTO-924.

em

GUIMARÃES

Por ocasião da Condecoração da Bandeira do Regimento de Infantaria 20 com a Cruz de Guerra de 1.ª Classe, cuja aposição será feita no dia 3 perante contingentes de todos os corpos da 8.ª Divisão do Exercito.

DIAS 2, 3 E 4

Profusas ILUMINAÇÕES, formosas DECORAÇÕES e deslumbrante FOGO DE ARTIFICIO. Grandiosas TOURADAS em 3 e 4. MARCHA LUMINOSA no dia 3 constituída por praças do Exercito, bombeiros voluntarios e empregados do commercio com a sua original e surpreendente "MARCHA MILANEZA" e na qual tomam parte bandas de musica regimentais e carros alegoricos. Deslumbrantes fogos de bengala, etc., etc.

CARTA DE ANGOLA

Não é efêmera a corrente favorável que tem obtido o Integralismo Lusitano. Dia a dia, mais e mais vamos obtendo a certeza de que já não é só o desejo de meia duzia de homens, mas sim de um povo inteiro, que se debate na agonia pavorosa que atravessamos, que aneia por vêr levada a cabo esta obra grandiosa, encetada com o unico fim de livrar Portugal das vicissitudes a que o tem levado a democracia infame.

O povo, hoje convencido de que só o Integralismo Lusitano pode salvar-nos da ruina a que estamos ameaçados, vêm-se acolhendo sob as nossas bandeiras. Não é um povo que corre para onde o arrastam, não é também uma multidão levada pelo engodo de recompensas, é sim um povo instruído e crente, levada pela sua Fé, pela sua Esperança, pela sua Crença, ao combate leal, á luta pela salvação da Patria.

O programa convincente do Integralismo, é hoje conhecido e apreciado; é hoje realçado pela sua veracidade. E' bem sabido que os seus adeptos lutam apenas pela gloria de Portugal e não pela mesquinha ideia de exercer vinganças, ou pelo desejo ambicioso de alcançarem bons empregos. Todo o Integralista tem em vista o lutar pelo bom nome de Portugal, sacrificando-lhe tudo para que "Ele volte a ser o que dantes era.. Não nos arrasta a ambição, rege-nos a ideia consoladora de conquistar-mos para esta Patria de Cama e Nun'Alvares, os louros vitoriosos de uma nova Aurora redentora e que lhe são oferecidos em holocausto das vicissitudes passadas. O Integralismo Lusitano não é um partido, é uma causa. O Integralismo não tem, nem quer, nem consente no seu programa, a mesquinhez dos politicos, que lutam constantemente pela subida dêste e queda daquele partido. Se assim fôsse, de nada serviriam os continuos esforços, os continuados sacrificios que se estão fazendo. A hora suprema que atravessamos, requer mui-

to trabalho, muito sossêgo e muita preocupação. Se no momento do perigo o comandante de um navio não tiver a presença de espirito necessaria, êle sossobra e com êle toda a tripulação. E uma Nação é bem mais difficil de governar do que um navio. O nosso mal, a nossa desgraça é tamanha e tão grande, que muitos há que a não conhecem em toda a sua hediondez. Não só a metrópole se debate na agonia, mas também e ainda as nossas colonias. Vós, que sabeis bem, quantos fôram os esforços, quantas as lutas, quantas as vidas sacrificadas para a sua conquista, dizei-me como acolherieis a noticia da sua perda. Dizei-me sim, qual seria o vosso pensamento, qual a vossa desolação, ao saberdes que as nossas mais poderosas colonias, que os nossos mais ricos territorios já não nos pertenciam. Sabeis bem como Angola é grande, como é ambicionada! Pois ficai sabendo (embora esta verdade vos custe) que ela e tantas outras tão ricas como ela, serão sacrificadas á ambição da democracia. Para êles nada vale a miseria, a deshonra de Portugal! Para obstar a que tal suceda, é necessario que nos opunhamos energicamente ás contínuas infamias daqueles que tem sido os cozeiros da Patria. Que todos nós pois, integralistas sinceros, unamos os nossos esforços e, em prol desta Patria oprimida, façamos com que a Causa que defendemos, inspirada em sãos principios, seja conhecida por toda a parte.

Que nós Integralistas, embora á custa da propria vida, caminhemos sempre na vanguarda para a luta heroica, e levantemos bem alto o nosso grito unico, sincero e verdadeiro "Pela Monarquia Integralista..!.. E ao vencer-mos, que eles vejam que acima da mentira, da infamia, do opróbrio que é seu lema, há a verdade, a lealdade e o sentimento patriótico que nos rege.

Que se saiba que não foi embalde que Camões disse:

Que outro poder mais alto se avantajava.

Huambo, aos 30 de Junho de 1924

ANTONIO PAIS PINHEIRO DE FIGUEIREDO

na licença constitucional, os vencidos não se resignam ao silencio. Falam. E cada palavra provoca uma cacetada, dada com alma e fé republicana. Reagem. E com a reacção surgem os grupos de caceteiros e de bombistas, facinoras, fanaticos, audaciosos. A protecção dos politicos exalta-os, transfigura-os, de bandoleiros vulgares, em defensores abnegados da Republica. Revoluções se acavalam sobre revoluções; e cada facção vencedora arranca do lôdo das convicções um sistema completo de caceteiros dedicados até ao sacrificio. E', como em Roma, a escumalha social, acaudilhada pelos traficantes da politica e sus-

tentada pelos traficantes dos negocios, que rugem, que bramem, que insulta, que desanca e que mata. A causa é a mesma; são identicos os efeitos. O cacete, neste furibundo espernear da democracia, é adorada como um deus. O seu dominio é absoluto, o seu império é inegavel. Ele é um simbolo, o simbolo genuino e perfeito, não já de uma época mais ou menos tormentosa, mas das instituições parlamentares. Deante do cacete se prostram os demócratas em adoração. O dinheiro é o seu deus. O cacete é o seu rei!

CESAR D'OLIVEIRA

PEREGRINAÇÃO Á PENHA



Realisar-se há em Setembro proximo, como de costume, a peregrinação á Virgem de Lourdes da Penha.

Magestosa e imponentissima manifestação de Fé e fervor cristão, a peregrinação dêste ano deve resultar uma das mais belas e grandiosas das que se tem realiado.

A Fé do nosso Povo vai-se acentuando cada vez mais.

Ainda está na memoria de todos a imponentissima peregrinação ao Sameiro, realisada

nos principios dêste mês, para encerramento dessa outra imponente manifestação que foi o 1.º Congresso Eucarístico Nacional.

Vamos nós também, Vimaraneses, ajoelhar aos pés da Virgem da Penha e pedir-lhe bençãos para a nossa terra, bençãos, prosperidades e paz para a nossa Patria, para todos os portugueses.

Que ninguem falte!

Que todos acorram a entoar seus louvores á Virgem Nossa Mãe.

PERIGO DE VIDA

Mais outro desastre

Todos os protes os da Imprensa tem resultado infrutíferos.

A nossa terra nada mais é que um sobado, onde todos se sujeitam aos mandos das quadrilhas politiqueras que só tratam dos seus interesses sem de resto se importarem com o risco que possa correr a vida de qualquer cidadão.

E a arma do inferno, e o "perigo de vida..", continúa fazendo das suas.

Ontem foi mais um pobre trabalhador vítima dos jordanicos fios de alta tensão. Amanhã serão mais e mais até que qualquer soba seja apanhado na rede. Então, só então, é que se elevarão os clamores dos nossos donos e se tomarão as devidas providencias.

De resto, pelo que nos diz respeito, já sabemos que é prégar no deserto.

Mais uma vítima sr. Jordão! Mais uma vítima pacificos srs. vereadores.

E continúa...

Jardim Público

V. Ex.ªs tem ido ao Jardim? E que nos dizem a proposito dos ricos bancos?

Tudo num estado deplorável... e poucos.

Porque se não mandam concertar os existentes e colocar mais alguns?

Onde se hão de sentar as pessoas que, na presente escação, ali vão passar algumas

horas e ouvir a banda regimental?

Poderá responder-nos o vereador respectivo?

Bem sabemos que o garotio é uma praga daninha que tudo estraga. Mas para que servem os zeladores?

Senhores da Camara! Senhor vereador do pelouro! Cá ficamos esperando que V. Ex.ªs prestem a êste caso um pouquinho de atenção.

Ao menos a ver se alguma vez será...

"GIL VICENTE"

O Gil Vicente não tem a subsidiá-lo nem a bolsa de qualquer financeiro, nem o produto de qualquer Bairro Social, nem das pratas, nem qualquer outra fonte de dinheiro além das quotas dos seus assinantes.

Pedimos, por isso, aos nossos estimados assinantes o favor de nos remeterem para a administração dêste semanario a importancia relativa ao semestre corrente, ou seja Esc. 5\$00, em cheque, vale, ou carta registada.

Fazemos notar a todos os nossos amigos que a cobrança pelo correio representa uma despeza que pode ser evitada com facilidade se a referida importancia nos fôr enviada expontaneamente.

ASSINATURAS PAGAS:

Antonio José Prazeres, esc. 10\$00; Euclides Portugal, esc. 10\$00; Domingos de Sousa Roriz, 5\$00.

Gualterianas

Tudo se prepara para o maior brilho das festas da Cidade.

A Comissão continua a trabalhar denonadamente para que o programa já elaborado seja integralmente cumprido.

Além das iluminações no Campo da Feira, também serão iluminadas e ornamentadas varias ruas e largos.

Os empregados do comercio, realizarão também o seu numero de grande efeito: a *Marcha Milaneza*.

No Campo da Feira já está completo o abarracamento.

No proximo numero:

O Escotismo

por A. DE MELO E NISA

Dião!... Dião!...

Desta vez vai de sino! E porque não? Só tocando a rebate e juntando povinho se poderá conseguir alguma coisa.

Dião!... Dião!... Ainda se não providenciou sobre o caso da Covilhã, da Rosa Menina e de outras. Os antros, os lupanares, continuam muito descançadamente a exhibirem as suas scenas de miséria, de vicio, de podridão e de lama.

Não nos querem ouvir!... Continuarêmos a badalar.

Ainda não nos ouvem? Mais badalo!...

Dião!... Dião!... Dião!...

ESTABELECIMENTO DE MODAS,

FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS.

Sedas, pelúcias e veludos. Tecidos para vestidos em lã e algodão.
 Tecidos para forros em seda e algodão.
 Espartilhos da fabrica SANTOS MATOS.

Salgado - Guimarães

Casa High-Liff

Modas e Miudezas. Chapéus para
 senhora e criança

TOURAL

GUIMARÃES

A TENTADORA

BERNARDINO ALMEIDA & COSTA, L.^{DA}

Fazendas brancas, Modas e miudezas
 ESPECIALIDADE EM BORDADOS DE GUIMARÃES
 CAMISARIA, GRAVATARIA E PERFUMARIAS

120, Rua da Republica, 122 e 122 - A

Sempre as maiores Novidades. Exposições Permanentes.

MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

DEPOSITO DE CAL, CIMENTO, TINTAS, VERNIZES
 E ARTIGOS CONCERNENTES

PARA PINTOR E CAIADOR.

A Casa que mais barato vende.

Amandio Teixeira de Carvalho

Rua Dr. Avelino Germano—GUIMARÃES.

A ULTRAMARINA

Nova Agencia de Passagens e Passaportes

UNICA CASA QUE NA CIDADE DE GUIMARÃES
 PODE TRATAR, CUJO AGENTE OFICIAL É

João Esteves

RUA ELIAS GARCIA (Antiga Rua de Santa Maria)

GUIMARÃES

Esta casa que acaba de abrir legalmente habilitada pelos
 Ex.^{mos} Snrs. Ministro do Interior e Commissario Geral dos Serviços
 de Emigração, trata de todos os documentos necessarios para obter
 passaportes com destino ao — BRAZIL, ARGENTINA, FRAN-
 CA, AFRICA e HESPANHA e mais nações da America e da
 Europa. Trata-se de passagens para toda a parte, nos melhores
 vapores de todas as Companhias de qualquer nacionalidade.

Dar a preferencia a esta casa é obter a certeza de nunca
 terem margem a qualquer reclamação.

O proprietario desta casa procurará todos os meios para
 que os seus passageiros sigam ao seu destino o mais rapido pos-
 sivel, para, assim, se tornar conhecido o seu nome e a sua casa.

Procurem e peçam informações á ULTRAMARINA e
 estas serão dadas gratuitamente.

Dirigir CORRESPONDENCIA ao AGENTE OFICIAL

JOÃO ESTEVES

Passagens e Passaportes — Guimarães.

CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Gil Vicente

ANO V N.º 198

2.ª Série N.º 75

Ex.^{mo} Sr.

LEIAM

A NAÇÃO PORTUGUESA

:: REVISTA MENSAL DE ::
 CULTURA NACIONALISTA

Director: DR. ANTONIO SARDINHA

Redacção e Administração:

LARGO DO DIRECTORIO, 8-3.º — LISBOA

CARPINTARIA VIMARANENSE

A MAIS ECONÓMICA

Rua Elias Garcia (Casa do Arco) — Guimarães

Encarrega-se de todos os trabalhos de construção civil com segurança.

Modas e Confeccões

JOÃO RIBEIRO

ALFAITE

Rua 31 de Janeiro, 152

GUIMARÃES

Gil Vicente

Preço da assinatura
 (Pagamento adiantado)

Preço das publicações
 (Pagamento adiantado)

PORTUGAL	
Ano	100000 reis
Espanha	150000 »
Africa	200000 »
Brazil	250000 »
Numero avulso	250 »

Anuncios e comunicados, linha	200 reis
Repetições, por linha	150 »
Permanentes, contrato convencional.	
Reclames, no corpo do jornal, até 5	
linhas, cada um	25000 »
Annunciam-se as publicações que o mere-	
çam, mediante dois exemplares gratis.	